

QUADRINHOS: ARTE CONTEMPORÂNEA?

Daniel Abrão
Nataniel dos Santos Gomes

Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul - UEMS (Campo
Grande).

Universidade Estadual do Mato
Grosso do Sul - UEMS

Resumo

A

literatura do século XXI busca investigar a sua relação com a produção material e subjetiva do presente. As histórias em quadrinhos cruzam a linha entre a alta cultura e a cultura de massa. Elas foram se desenvolvendo, simultaneamente e em igual medida, ao largo e no interior das produções das outras artes, desde obras e personagens criados para o mundo infantil até a citação e o trabalho produzido com o cânone literário e filosófico dos mundos ocidental e oriental. Os quadrinhos permitem uma ampla leitura de estilos e perspectivas, encontrando leitores diferenciados, que podem relacionar os quadrinhos à prática didático-pedagógica, à literatura em suas mais variadas expressões, ao cinema, à filosofia, à política ou às artes em geral. A “poesia em quadrinhos” será apresentada como uma das possíveis formas de atualização do gênero e de renovação das expressões (Daflon, 2012; Bussati, 2013), apontando para uma renovação da leitura e da formação de leitores, que eram vistos apenas como crianças e pré-adolescentes.

Palavras-chave: Poesia. Histórias em quadrinhos. HQs. Cultura de massa.

Introdução

A literatura do presente século investiga, entre outras coisas, a sua relação com a produção material e subjetiva. Nesse sentido as histórias em quadrinhos, doravante HQs, conseguem cruzar a linha que separa a alta cultura e a cultura de massa. Elas se desenvolveram ao largo e no interior das produções das outras artes, desde obras e personagens criados para o mundo infantil até a citação e o trabalho produzido com o cânone literário e filosófico dos mundos ocidental e oriental.

Assim, as HQs permitem uma leitura ampla de estilos e perspectivas, com leitores diferenciados, que podem relacionar as HQs à prática didático-pedagógica, à literatura em suas mais variadas expressões, ao cinema, à filosofia, à política ou às artes

em geral. Nesse sentido, é possível pensar na arte se manifestando nas HQs e as HQs manifestando a arte, inclusive como uma forma de atualização do gênero, da renovação da leitura e da formação de leitores.

As histórias em quadrinhos

Quando Mário de Andrade escreveu o prefácio ao livro **Pauliceia Desvairada** intitulado “Prefácio Interessantíssimo”, o autor não só rompe com o passadismo literário do século 19, como também funda uma nova escola literária: o Desvairismo, que vai de encontro ao olhar dadaísta, no percurso das Vanguardas Europeias, sem significação exclusiva, em que a proposta é ver uma arte livre e solta das amarras racionalistas, longe do automatismo psíquico, combinando elementos casuais aleatórios (BRITO, 2012, p.7).

Embora desafie o senso comum, nem só de desvairismos vivem as HQs, sejam as tradicionais tirinhas sejam as revistas, que durante décadas permeiam a juventude e são um dos primeiros contatos com a leitura para muitos (LOTUFO e SMARRA, 2012, p. 112), tornando-se ao longo do tempo um objeto da cultura de massa (KLAWA, L.; COHEN, H, 1977).

Vale lembrar que nos Estados Unidos, o maior divulgador das histórias em quadrinhos, elas ganharam vida no século 19, a partir do avanço da tipografia e do aumento significativo de publicações periódicas, que usavam os relatos gráficos como um tipo de crítica ao cotidiano. É somente na década de 1930 que a expressão *Comics* passou a representar as HQs norte-americanas, quando elas começaram a ganhar vida própria.

O Brasil foi pioneiro na produção e publicação desse tipo de material sequencial, de acordo com Vergueiro e Santos:

Três décadas antes de serem publicados os primeiros *Comics* norte-americanos, jornais brasileiros já contavam com a impressão de histórias ilustradas sequenciais. O pioneiro desta forma de expressão artística e comunicativa foi o ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que em 1867 já escrevia e desenhava essas histórias para o jornal *O Cabrião*, na cidade de São Paulo. Seu primeiro personagem fixo foi *Nhô Quim*, um interiorano que aprontava muitas confusões em sua viagem à Corte (Rio de Janeiro). Essa fórmula foi retomada por Agostini em 1884, com o personagem Zé Caipora. (VERGUEIRO; SANTOS, 2010, p.136).

O termo “Gibi” ganhou mais aceitação para o grande público, tornando-se um sinônimo para os quadrinhos:

Na década de 1930, o editor Adolfo Aizen, inspirado pelos *Sundays* (cadernos de quadrinhos encartados na edição dominical dos jornais norteamericanos), lançou, em 1934, o *Suplemento Infantil*, que vinha junto com o jornal carioca *A Nação*. O sucesso foi tanto que, a partir do número 16, já com o nome alterado para *Suplemento Juvenil*, passou a ser vendido separado do jornal. Logo surgiram outras publicações dedicadas aos quadrinhos, como as revistas *Mirim* (1939-1942) e *Lobinho* (1939-1940), ambas editadas por Aizen, que fundou em 1945 a Editora Brasil-América Ltda. – EBAL; O *Globo Juvenil* (1937-1952) e *Gibi* (1939-1950), idealizadas pelo concorrente Roberto Marinho, proprietário do jornal *O Globo*; e *O Gury* (1940-1962), pertencente às organizações *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. Embora grande parte dos quadrinhos editados nessas publicações fosse de origem norte-americana, também havia espaço para produções nacionais. (VERGUEIRO; SANTOS, 2010, p.139).

Hoje é possível realizar trabalhos de pesquisa e análise acerca das HQs que durante muitos anos eram vistas de maneira preconceituosa ou com indiferença. Os trabalhos de Cirne, Moya e outros representavam uma constante nos estudos sobre as HQs no Brasil.

A seguir será apresentada uma interface entre a literatura e as HQs, como uma forma de arte.

Literatura e quadrinhos

Como foi apresentado na introdução, a poesia no formato de HQs é vista como uma das possíveis formas de atualização do gênero, de renovação das expressões, o que pode apontar uma renovação de leitura e formação de leitores.

A literatura, principalmente na perspectiva da escola, não tem sido vista mais como elemento de mediação entre o sujeito e o mundo. Os números indicam a queda e o confinamento dos textos literários cada vez mais aos leitores do universo acadêmico.

O imaginário da sociedade atual é mediado pelas tecnologias, o que faz com que surjam novas relações sociais que acabam por reconfigurar o ser humano, tornando a identidade e a expectativa dos sentimentos diferentes por meio de outros códigos e valores,

tais como o cinema, a TV, as redes sociais, o computador etc.

As HQs utilizam a imagem e passam a atingir e seduzir o leitor dentro de parâmetros ainda incorporados pelos valores da crítica canônica, embora sejam classificados como cultura de massa. A leitura das HQs soma experiências tanto das vanguardas quanto da cultura massificada, atraindo um leitor descomprometido com as leituras “ideais” reproduzidas pela escola.

As adaptações entre suportes estéticos diferentes são cada vez mais comuns: da poesia à pintura, do livro ao filme, dos quadrinhos ao cinema, da literatura aos quadrinhos, entre outras. A comparação entre os dois objetos artísticos é comum para a maioria daqueles que experimentam as duas versões. Geralmente, a expectativa é que a segunda obra faça jus à primeira, que se tornou relevante ao ponto de ser adaptada. Não é o caso da “poesia em quadrinhos”, que é autônoma, independente, carregada das suas próprias estruturas, suas leis, suas regras internas e se expõe, enquanto gênero, com cada signo atado ao conjunto, cada palavra plenamente conectada a sua forma de expressão, unindo o extrato verbal com as significações não verbais.

No interior das possibilidades das relações interartes, a literatura ganha aportes extraverbais de sentido, no diálogo com o cinema, a pintura, o grafite e as variadas técnicas de desenhos e seus suportes materiais. O acabamento progressivo está ligado ao fato de que o poema em quadrinhos não é poesia pura, nem puramente quadrinhos, mas um acontecimento entrelaçado de forma e conteúdo, de modo que os signos e a significação estão compostos na interdependência mútua. A técnica dos quadrinhos pressupõe a junção de quadros e da palavra, mas quando esta última é pensada enquanto construção única no conjunto da imagem, todas as escolhas se diferem e ganham em unidade. (ABRÃO; GOMES, 2012).

Tal construção não difere do processo da poesia desde as vanguardas. É a partir do modernismo que a poesia passou a ter mais *materialidade* do signo, intensificando o trabalho com o espaço gráfico, com a imagem e com as relações sensíveis do texto.

O que se pode notar é que gêneros ora se fundem e ora são interdependentes, conforme descrito por McCloud (1995):

O quadro-a-quadro dá movimento e materialidade à expressão, imprimindo ilusão narrativa a uma reflexão

não raro atemporal e substituindo a linearidade do verbo pela simultaneidade de uma poética da ilustração. As relações texto-imagem podem, no entanto, ocorrer em mais de um nível. (McCLOUD, 1995, p.4)

Ao identificar esta relação palavra *versus* imagem, McCloud permite a reflexão sobre a relação poema *versus* quadrinhos.

De acordo com Abrão; Gomes (2014), a imagem abaixo ilustra sem somar informação: neste caso, o texto precede a imagem, que se dirige em visada geralmente realista, procurando retirar das palavras seu imaginário mais consensual.



Figura 1- Poesia de Anita Costa Prado e desenhos de Ronaldo Mendes.

Abaixo, usando o exemplo de Abrão; Gomes (2014), encontramos palavras e imagens que transmitem a mesma mensagem, ou seja, foram compostas em conjunto, apontando para a construção de um novo gênero, como é o caso de *O poeta*, de Laerte, mas ao invés da fidelidade ao texto, o cartunista escolhe colocar questões/frases próprias, mescladas em tom pessoano, mas já aproximadas ao mundo da oralidade dos personagens de Laerte. Há uma livre adaptação do universo pessoano, a partir da alusão aos versos de Tabacaria. As crises existenciais, os motes poéticos, as constantes idiossincráticas do poeta português são mescladas ao olhar interpretativo do cartunista, que insere uma tonalidade de humor ácido e dessacralizador.



Figura 2 – Piratas do Tietê, de Laerte.

Outra possibilidade apontada por Abrão; Gomes (2014) é quando as palavras ampliam o sentido manifesto da imagem, com o trabalho poético entrando em ação com mais força. Assim a realidade se manifesta após a escrita se dirigir, designar, aludir e intentar na tradução da imagem já inscrita nos quadrinhos, e não a realidade do ambiente imediato. O poeta é obrigado a compor em conjunto, de modo a indicar dupla direção da construção dos sentidos.

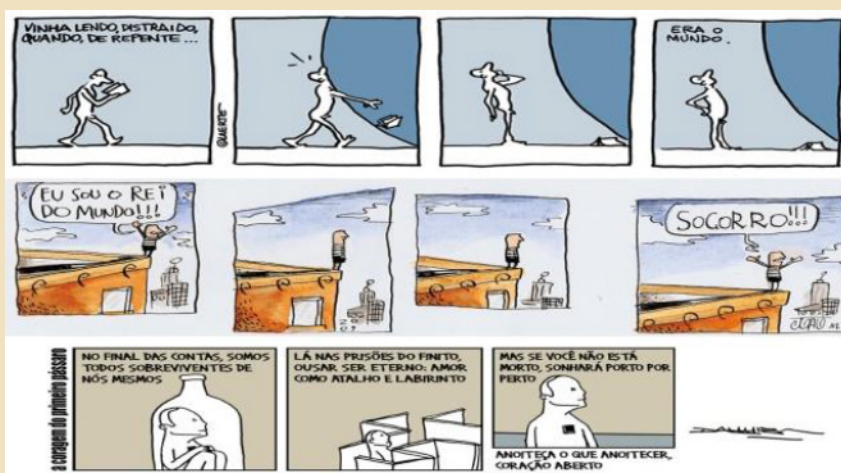


Figura 3 – Respectivamente: Laerte, João, André Dahmer

Entre tantas possibilidades, nota-se na relação interdependente, a novidade na composição, tanto no texto quanto nos quadrinhos. O autor escolhe a proximidade com as reflexões filosóficas, como se a tonalidade da filosofia, aliada à oralidade e à espontaneidade dos registros de oralidade dos quadrinhos publicados em jornal, pudessem criar uma nova dimensão próxima à atmosfera poética.

A poesia em quadrinhos é fruto de duas forças aparentemente antagônicas: a força do mercado e a força das vanguardas artísticas do século 20.

No Brasil, as vanguardas artísticas europeias foram enriquecidas pelo olhar da antropofagia do primeiro modernismo, desembocando no movimento concretista intensificando o uso dos elementos não verbais como componentes significativos importantes das obras. A tradição que reivindicam investe na materialidade do signo e no objetivismo da linguagem.

A indústria cultural do século 20 passou a apostar na imagem e nas tecnologias que as acompanham, abrindo caminho para a veiculação cada vez mais intensa dos quadrinhos, saindo da

esfera do universo infantil e alcançando um grande público leitor, o que explorou a conexão entre palavra e imagem.

Michel Foucault, refletindo sobre o trabalho do pintor belga René Magritte (1898-1967), propôs uma discussão sobre as relações estabelecidas entre a palavra e a imagem, considerando a existência de dois princípios que teriam reinado sobre a pintura do século 15 ao século 20.

Agregando a imagem ao texto, as HQs poéticas estão em pleno desenvolvimento estético, incorporando experiências abertas para um grande número de possibilidades. Vejamos alguns exemplos





Figura 4 – Poema em quadrinhos, de Dino Buzzati

Nos Estados Unidos, foram iniciados os poemas de “meme”, em 2012, passando para o Brasil por meio das redes sociais, contando com uma realização interativa entre o público. Houve uma mistura entre linguagem da poesia (inclusive da tradição poesia imagem) e a linguagem jornalística, incluindo aqui a charge e as “tiras” diárias da seção de humor:

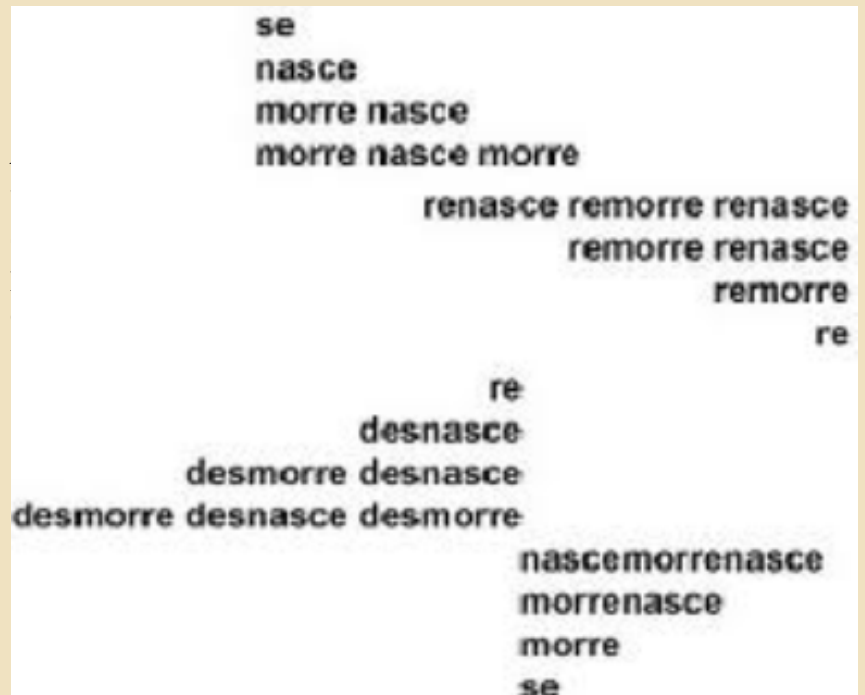


Figura 5



Figura 5

A figura 5 apresenta um poema em que a leitura pode ser feitas em várias direções, cada uma com uma nova conexão de sentido. Uma linhagem horizontal sincrônica alinhada com os princípios verbo-visuais do concretismo, expostos nos poemas de Augusto de Campos e Décio Pignatari:



Augusto de Campos



Décio Pignatari

Conforme foi abordado em Abrão; Gomes (2014), os poemas de “meme” exploram a variação de leitura em suas múltiplas sugestões e caminhos possíveis de significação, o que abre a obra para indeterminações produtivas que, dentro da totalidade previsível dos poemas, introduzem o imprevisto e reafirmam a posição participativa do leitor nos processos de significação.

É claro que os “memes” são rasos do ponto de vista técnico da poesia, constatando que é no jogo com a imagem que o todo se amplia, bem como o espaço de circulação interativo introduz o leitor em um universo de uso entrelaçado entre palavra e imagem.

Conclusão

Apesar de as HQs serem muito marginalizadas, hoje elas estão em moda para determinados públicos. Essas mudanças de perspectiva aconteceram de forma lenta e despontam com um aumento significativo na produção de revistas especializadas ou *sites* que tratam do assunto até mesmo no número de monografias, dissertações e teses, repensando e produzindo um olhar atento ou ingênuo para as histórias, algo indispensável no mundo moderno, parte do acesso democrático à alfabetização, ao livro, ao mundo da cultura e do conhecimento.

Conforme foi visto, a leitura de HQs é semelhante ao ato de conquistar sentidos, de conhecer o universo da literatura, das múltiplas linguagens, dos signos, da vida cotidiana. Elas representam um pensamento sobre o movimento, o aprender

de tal movimento, entendimento dele, sem nunca parar de fazer perguntas e decodificar sinais.

Para finalizar, lembramos aqui que este novo leitor da literatura, e até mesmo a própria literatura, em suas múltiplas ressignificações, promovem novos espaços de circulação e modos diferentes de relação com o texto e com a arte. Um dos grandes atrativos dos quadrinhos, e da poesia em quadrinhos em seu uso centrado na imagem, é a possibilidade de participação do leitor, da exploração das ambiguidades da imagem, os caminhos da composição participativa nos processos sociais da arte. Assim, a poesia em quadrinhos aponta para um futuro em que a qualidade em obras de circulação depende muito do labor estético e da capacidade de criação de objetos interativos.

ABSTRACT

Literature of XXI century seeks to investigate its relationship with current material and subjective production. Comics have crossed high and mass cultures. They have been developing simultaneously and equally along with other art productions since works and characters created for children to creation and work produced with literary canon and philosophy of Western and Eastern worlds. Comics permit broad reading styles and perspectives with different readers who can relate comics to pedagogical practices, to literature and its amplest expressions, to cinema, to philosophy, to politics or to arts in general. "Comic poetry" will be introduced as one of the possible ways of acting in genres and expression renewal (Daflon, 2012; Buzzati, 2013), showing reading renewal and reader formation which were seen as children and pre adolescents.

Key words: Poetry. Comics. HQs. Mass culture.

REFERÊNCIAS:

ABRÃO, Daniel; GOMES, Nataniel dos Santos. Poesia e(m) quadrinhos. In. GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel (Orgs.). **Grandes poderes trazem grandes responsabilidades**. Curitiba: Appris, 2014.

BRITTO, Rogério. Prefácio. In.: GOMES, Nataniel dos Santos. **Quadrinhos e transdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2012.

KLAWA, L.; COHEN, H. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LOTUFO, César e SMARRA, André Luís Soares. A eterna luta do bem contra o mal: Os quadrinhos pela educação. In.: GOMES, Nataniel dos Santos. **Quadrinhos e transdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2012.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Hécio de Carvalho, Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos. **Revista Crás!: Quadrinhos Brasileiros e Indústria Editorial**. Ano 3 – nº 2 jan./jul. 2010 Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZES/article/view/7413/6803>. Acesso em 17 de outubro de 2014.